

ARQUIVOS
DO
CENTRO CULTURAL
CALOUSTE GULBENKIAN

HOMENAGEM A MARIA DE LOURDES BELCHIOR

VOLUME XXXVII

SEPARATA

JOSÉ MANUEL DA COSTA ESTEVES

Francisco de Sá de Meneses: um poeta quinhentista a conhecer



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

CENTRO CULTURAL CALOUSTE GULBENKIAN
LISBOA - PARIS / 1998

ÍNDICE GERAL

[PREFÁCIO] por ANTÓNIO COIMBRA MARTINS	VII
<i>Maria de Lourdes Belchior: bondade presente</i> , por ANNE-MARIE QUINT.....	XI
COLABORADORES DESTE VOLUME	XIII
I – DEPOIMENTOS	I
<i>Maria de Lourdes Belchior. l'amie</i> , par SOLANGE PARVAUX	3
<i>Uma Mulher de palavra</i> , por ÁLVARO GUERRA	11
<i>Marcel Bataillon, le Centre Gulbenkian de Paris et Madame Maria de Lourdes Belchior</i> , par JEAN-CLAUDE MARGOLIN	13
<i>Jadis et naguère</i> , par ROBERT BRÉCHON	21
<i>De outra despedido</i> , por JOÃO NUNO ALÇADA, FÁTIMA FREITAS MORNA e PEDRO FERRÉ ...	27
II – ESTUDOS QUATROCENTISTAS E QUINHENTISTAS	29
<i>Catalão e a expansão portuguesa</i> , por AMÉRICO DA COSTA RAMALHO	31
<i>Oásis num (quase) deserto: algumas poesias do Cancioneiro Geral</i> , por STEPHEN RECKERT	39
<i>A Tempestade do Triunfo de Inverno como «topos» da «fortuna» marítima na corte de D. João III</i> , por JOÃO NUNO ALÇADA	53
<i>O Imaginário do além em Gil Vicente</i> , por JOSÉ MATTOSO	71
<i>Sá de Miranda e a poesia portuguesa contemporânea</i> , por LUÍS MIGUEL NAVA	93
<i>O Descobrimento da China: estratégias discursivas da descrição na obra de Fernão Mendes Pinto</i> , por JOÃO DAVID PINTO-CORREIA	101
<i>La Lengua portuguesa como instrumento de evangelización: un análisis a partir de los textos de San Francisco Javier</i> , por EDUARDO JAVIER ALONSO ROMO	113
<i>Carta que Francisco de Moraes enviou a Raynho de França em que lhe escreve os torneos, e festa que se fes em Xabregas era / de 155...</i> , por ANTÓNIO DIAS MIGUEL	127
<i>D. Julião de Alva (c. 1500-1570). Novos documentos</i> , por JOSÉ DA SILVA TERRA	155
<i>Utopia and identity in the voyages: Camões between India and Portugal</i> , by K. DAVID JACKSON	185
<i>O Feminino em Os Lusíadas</i> , por HÉLDER GODINHO	195
<i>Harmonia Mundi: A descrição canoniana da máquina do mundo</i> , por MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES	201
<i>Introdução à leitura do poema dos «olhos gonçaves»</i> , por ARNALDO SARAIVA	211
<i>O Soneto «Sete anos de pastor Jacob servia»</i> ,	219
<i>Camões, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz</i> , por HELENA C. LANGROUVA	229

Tiré à part du volume XXXVII des

ARQUIVOS

DO

CENTRO CULTURAL

CALOUSTE GULBENKIAN

PARIS, 1998

✱

Composto, impresso e brochado
nas Oficinas de Artes Gráficas
de Barbosa & Xavier, Limitada
BRAGA (Portugal)

Novembro de 1998

FRANCISCO DE SÁ DE MENESES: UM POETA QUINHENTISTA A CONHECER

por

JOSÉ MANUEL DA COSTA ESTEVES

À Professora Maria de Lourdes Belchior, percurso exemplar de conhecer e dar a conhecer os homens e os livros, lição permanente de busca de um sentido para a existência, na qual aulas, vida ou poesia são atravessadas por uma corrente única: o amor.

«Profissão: professora, professar o quê?
Da profissão de fé à libertação das palavras
límpidas, quentes, misterioso arco-íris,
ponte de mim para eles os alunos quem?»

M. L. BELCHIOR, in *Gramática do Mundo*, 1985, p. 54.

«Francisco partilhou infelizmente a sorte de muitos dos poetas portugueses, seus contemporâneos, que, tendo gosado em vida da maior fama, foram esquecidos pelos posteriores».

CAROLINA MICHAELIS¹

Francisco Sá de Meneses: o homem

Francisco de Sá de Meneses nasceu no Porto, por volta de 1523, embora Carolina Michaëlis, única voz discordante, afirme ter nascido em 15 de Março de 1515, e morre a 3 de Setembro de 1584, em Matosinhos. A sua vida decorre, assim, sob os reinados de D. João III, D. Sebastião, D. Henrique e quatro anos do reinado do primeiro dos Filipes de Espanha.

1. In *Poesias de Sá de Miranda*, Halle, Max Niemeyer, 1885, p. 749.

Descendem os Meneses de Rodrigueannes de Sá, senhor de Sever, que viveu no final do século XIV e que se sabe ter sido embaixador em Roma, onde casou, no reinado de D. Fernando, com Cecília Colonna, filha de Giacomo Colonna, condiscípulo e protector de Petrarca, a cuja coroação, como poeta laureado, assistiu. E vêm-me à memória os primeiros versos de Sá de Miranda na carta dirigida a João Rodrigues de Sá de Meneses, pai de Francisco de Sá de Meneses:

«(...) Dos nossos Sás Coluneses
gram tronco, nobre coluna,
grande ramo de Meneses (...)»².

Nestes versos Sá de Miranda destaca esses ilustres antepassados dos Meneses (aliás seus também, visto que seu pai, Gonçalo de Sá, era tetraneto de Rodrigueannes de Sá e de Cecília Colonna) que tiveram um contacto privilegiado com Petrarca e com a poesia italiana da época, profundamente protegida por essa família poderosa. Talvez esse gosto pela poesia tenha passado de geração em geração e que, de algum modo, tenha influenciado toda uma família que gerou nomes como os de Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá de Meneses, o célebre poeta do *Cancioneiro Geral*, mais conhecido por «pai das musas» e um dos mais próximos precursores da poesia portuguesa quinhentista, o do seu filho, o de Jorge Ferreira de Vasconcelos (primo em 1.º grau de Sá de Meneses), autor da comédia *Eufrosina* e do romance de cavalaria *O Memorial da Segunda Távola Redonda* e ainda o do autor do poema épico *Malaca Conquistada*.

Francisco de Sá de Meneses nasce do casamento de João Rodrigues de Sá de Meneses com D. Camila de Noronha, filha de D. Martinho de Castelo Branco, camareiro-mor de D. João III. João Rodrigues de Sá de Meneses tinha sido casado anteriormente com D. Catarina de Lima e dos dois casamentos, além do poeta em questão, nasceram António de Sá de Meneses, grande amigo de Sá de Miranda e avô de D. Catarina de Noronha com quem Francisco de Sá de Meneses, seu tio-avô, haveria de casar em segundas núpcias, e Sebastião de Sá, avô de um outro Francisco de Sá de Meneses, o segundo conde de Penaguião, a quem é dedicada uma das edições da obra de Sá de Miranda.

Nasce, portanto, Francisco de Sá de Meneses numa família de fidalgos, profundamente envolvidos na vida da corte e nas lides da governação. Seu pai, além de alcaide-mor do Porto, ocupara os cargos mais variados nos reinados de D. Afonso V, D. João II, D. Manuel e D. João III.

Francisco de Sá de Meneses casou primeiramente com D. Ana de Mendonça, filha de João de Mendonça, alcaide-mor de Chaves, e depois

2. In *Poesias de Sá de Miranda*, op. cit., p. 51.

com D. Catarina de Noronha, filha de João Rodrigues de Sá de Meneses (o Moço), primo de seu pai, e de D. Camila de Noronha, sua sobrinha, filha de António de Sá de Meneses. Francisco de Sá de Meneses não deixou descendência, sucedendo-lhe, por isso, na casa, o primeiro conde de Penaguião, seu sobrinho João Rodrigues de Sá.

Francisco de Sá de Meneses desempenhou, tal como seu pai, os cargos mais diversos na corte e na vida política. Que era uma personalidade muito influente na corte não restam dúvidas, quer pela sua convivência directa e permanente com reis e príncipes, quer pelos testemunhos que dele nos dão alguns escritores seus contemporâneos que passaram à escrita opiniões muito elogiosas da sua personalidade que, de uma forma simplista, nos permitirão reconstituir o seu perfil.

Francisco de Sá de Meneses foi alcaide-mor da cidade do Porto, comendador de Proença e S. Tiago do Cacém na Ordem de Cristo e de Sines na de Santiago. Foi aio do malogrado príncipe D. João, pai de D. Sebastião, que haveria de falecer em 1554, deixando de luto o país, que entrava assim num dos períodos mais negros da sua história pelos problemas causados pela sucessão, sendo chorado por muitos poetas ao perderem o seu príncipe amador das letras e da poesia.

Diz-nos Barbosa Machado³ que a «prudência» e «juízo» de Sá de Meneses se distinguia de tal modo de todos os fidalgos que frequentavam a corte de D. João III, que este o escolheu, primeiro para aio do príncipe (1557), sendo nomeado, em 1549, seu camareiro-mor, substituindo no cargo D. Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso. Deste período da sua vida, sabe-se apenas que acompanhou, em 1543, na qualidade de embaixador, a princesa D. Maria a Castela e em 1554 é nomeado mestre de D. Sebastião. Em 1558, a rainha regente, D. Catarina recondu-lo no cargo de camareiro-mor de D. Sebastião, desempenhando o cargo até vir a ser substituído por quatro outros camareiros.

Retirado da corte, vive no Porto onde se dedica ao estudo e à poesia «divertindo com a suavidade da metrificação a moléstia de pensamentos»⁴. É provável que tenha sido nesta época que se tenha aproximado mais de Sá de Miranda, retirado na sua Quinta da Tapada desde 1530.

D. Sebastião não o vai deixar permanecer, porém, muito tempo no Porto. Ao chamá-lo à corte, nomeia-o, em 1558, capitão da sua Guarda e mordomo-mor da princesa. Foi ainda governador do reino nas duas vezes que D. Sebastião foi a África.

O cardeal D. Henrique, atendendo à sua prudência e fidelidade, nomeia-o também seu camareiro-mor em 1578 e conselheiro de estado, encar-

3. In *Biblioteca Lusitana*, tomo II, Coimbra, Atlântida Ed., 1966, pp. 247-250.

4. In *Biblioteca Lusitana*, op. cit.

regando-o, com mais três regentes do reino, de encontrar o seu sucessor. Como reconhecimento de todos os seus serviços, D. Henrique concede-lhe, em 1580, o título de Conde de Matosinhos.

Em 1583 retira-se da corte para os seus domínios de Matosinhos, desgostoso com a evolução da situação política para a qual concorrera involuntariamente com o seu próprio voto. É nesta data que terá composto provavelmente as trovas que se iniciam «A tudo quanto desejo», profundamente marcadas pelo cepticismo e pela desilusão:

«(...)
Se do passado e presente
O por vir se pode crer
Ja nam ha que pretender
Ja nam posso ser contente (...)»⁵.

Morre a 3 de Setembro de 1584, com 61 anos de idade, estando sepultado no Convento Seráfico da Conceição, em Matosinhos, no Jazigo dos seus antepassados.

João Soares de Brito, na *Theatr. Lusit. Litter.*, Lit. F, n.º 67⁶, compôs-lhe o seguinte epitáfio que resume a sua vida:

OSSA

Francisci de Sá de Menezes

Hoc nullum graviorem virum, vel prudentiorem
Per omnes honorum gradus
Aetas pristina mirata est.
Fuit enim Joannis Principis educationi
Sebastiani Regis praetoriae cohorti
Henrici, atque Philippi Regum cubiculo praepositus
A'consiliis flatus trium Regum
Lusitaniae bis Gubernator
Semel vivente Sebastiano, iterum defuncto Henrico,
Tot tamque diverse sententium
(Quoe fumma apud mortales gloria est)
Judicio magnus

5. In Francisco de Santo Agostinho de Macedo, *Domus Sadica*, Typis G. Du-Gard, 1653, pp. 78-81 seguidas da tradução latina. O autor não indica a fonte utilizada.

6. Reproduzido por Barbosa Machado, *op. cit.*

Na carta XVI, dirigida a Sá de Meneses, Diogo Bernardes⁷ traça o retrato moral de Sá de Meneses, onde podemos apreciar as suas qualidades de justiça, de sabedoria e de virtude»

«Illustrissimo Sá, a quem concede
o Ceo todas as partes que a virtude
Pera formar hum raro espirito pôde
(...)
Não negua a vossa branda natureza
Os olhos a ninguem, não negua ouvidos
A ninguem dá motivos de tristeza.
Os da fortuna menos conhecidos
Esses achão em vós mais certo amparo,
Esses são mais de vós favorecidos.
Mas eu a quem declaro o qu'está claro?
(...)
Não sois em todo o mundo exemplo raro?»

Nesta carta é também visível a influência de Sá de Meneses na corte, tornando-se num intermediário junto do rei para obter mercês:

«A mão Senhor me day pera que saya
Do pego da miseria, onde me vejo
Antes que sem remedio ao fundo caya
(...)
Faze y conta Senhor, qu'el Rey m'empresta
A merce, e a honra que pretendo».

Figura muito respeitada pela família real, Sá de Meneses é objecto de admiração dos seus contemporâneos. António Ferreira dedica-lhe vários poemas. Na Ode III⁸ louva a educação que deu ao príncipe D. João:

«Ah tu Francisco viste
A luz, que s'acendia
Naquelle real sprito, que criaste:
Por que inda tua alma triste
Suspira, ali provaste
Quam cedo o fogo a escuridão vencia».

7. In Diogo Bernardes, *Lyma*, Lisboa, por Simão Lopes, 1596.

8. In António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, Lisboa, Régia Of. Tipográfica, 1771, p. 115.

Também na Elegia I⁹, dirigida a Sá de Meneses aquando da morte do príncipe, é visível a veneração de António Ferreira:

«Aquella flor fermosa, qu'alegrava
Tantos olhos, e almas que tua mão
Com tanta diligência nos criava»

António Ferreira exorta-o a ter coragem para poder educar D. Sebastião, o «tesouro» de D. João:

«Vive tu, grã Francisco, qu'eu o vejo
Dos deos encomendarte o seu thesouro,
Que cá deixou, e eu em tuas mãos desejo».

Recebeu Sá de Meneses por morte do príncipe muitas manifestações de solidariedade dos poetas seus contemporâneos. Pedro de Andrade Caminha dedica-lhe a Elegia II¹⁰:

«A Francisco de Sá. Na morte do Príncipe que Deus tem

Que esperanças com elle se criavam!
Que maravilhas nelle o mundo vira,
Pois teus raros conselhos o guiavam!
(...)
Que condições tam brandas sempre teve!
Qu'inclinações tam altas se lhe viam!
Quanto louvor a ti nisto se deve.»

André Falcão de Resende dedica a Epístola V, de 1574, a Sá de Meneses, onde mais uma vez se salientam as suas qualidades humanas e a solidariedade para com os mais desfavorecidos¹¹:

«(...) nasceste por unico remedio
De quantos o não têm, por valhacouto
Dos pequenos, que buscam tua ajuda».

Barbosa Machado transcreve na *Bibliotheca Lusitana* mais algumas afirmações que nos permitem traçar o perfil do homem. Assim, Francisco de Sá refere-se-lhe como sendo um «varão digno de ilustre memoria pelas

9. In *Poemas Lusitanos*, op. cit., pp. 122-126.

10. In Pedro de Andrade Caminha, *Poezias*, Lisboa, Of. da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1791, pp. 120-123.

11. In André Falcão de Resende, *Microcosmographia* (BN-Res. 553 P.), p. 391.

grandes prendas, que nele resplenderão de prudencia, generosidade e valor». Frei Manoel da Esperança considera-o um «insigne portuguez» e um «excellente corteção, e inclinado às letras, em particular à Poesia Portuguesa». João Soares de Brito refere-se-lhe como o «Grande e esclarecido Conde de Matosinhos».

Francisco Sá de Meneses: o poeta

Sá de Miranda é uma figura tutelar na literatura portuguesa, pelo papel que teve no desenvolvimento da poesia quinhentista dentro dos modelos que tinha importado de Itália. À sua volta gira um conjunto de poetas que via nele um exemplo a seguir, quer do ponto de vista literário, quer no modo de encarar a vida. Os homens mais eruditos da época agrupam-se à sua volta e aqueles que não visitam o mestre oferecem-lhe, de longe, as suas obras. António Ferreira, Pedro Andrade de Caminha, D. Manuel de Portugal, Diogo Bernardes, António Pereira, O Infante D. Luís e Francisco Sá de Meneses, entre outros, os «zagais de Estremadura» como lhes chamava Sá de Miranda, fazem parte desse grupo de poetas irmanados no gosto pelas letras e no reconhecimento que Sá de Miranda era o mais digno representante do humanismo poético em Portugal. Carolina Michaëlis chamaria a esta sociedade literária renascentista a «Arcádia de entre Douro e Minho»¹² que, após uma oposição inicial, pouco a pouco se foi iniciando ao novo estilo.

Além das referências à personalidade de Sá de Meneses, outras há mais enfocadas na poesia. Diogo Bernardes na já referida carta XVI estabelece uma homologia entre a grandeza da «virtude» de Sá de Meneses e o seu «escrito»:

«Matéria deu o Ceo, o vosso espirito
Pera se nos mostrar tal na largueza
Qual sempre na virtude, qual no escrito».

Conta Teófilo Braga¹³ que se a morte de Sá de Miranda, desmembrou os adeptos da escola italiana, deixando as suas poesias inéditas, a fama, porém, que estes poetas alcançavam provocava a curiosidade dos estran-

12. In Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão*, vol. I, pp. 99/101; citada por João Gaspar Simões in *História da Poesia Portuguesa*, vol. I. Emp. Nac. de Pub., 1955, pp. 232-233.

13. In *História da Literatura Portuguesa. Os Quinhentistas*, Porto, Imprensa Port. Ed., 1871, pp. 176-177.

geiros. Pedro de Lunos, secretário da Marquesa de Alcantar, quando esteve no Porto, desejou conhecer as obras dos principais poetas portugueses, dirigindo-se para tal a Bernardes que lhe citou os versos de Francisco de Sá de Meneses ¹⁴:

«Se pertendes louvar os claros lumes
Da Musa portugueza, doce e branda,
Que de amor tem escripto varios volumes,
Lá tens o grande Sá, (não de Miranda
De quem o mortal só morte apagou
De quem a fama viva entre nós anda)

O de Meneses, digo, o qual honrou
Consigo as nove irmãs, e tens seu filho
que na brandura mais se levantou(...).

António Ferreira dedica algumas das suas composições a Sá de Meneses, Sazio, como lhe chamava o poeta. As relações entre estes dois poetas deviam ser das melhores, pois é bem sentido o soneto de Sá de Meneses que abre os *Poemas Lusitanos* em que chora a morte de A. Ferreira.

Na carta III António Ferreira ¹⁵ deixa nos seus versos um testemunho importante para a atribuição da autoria de uma elegia, a «*Buelue Philis hermosa onde este llano*» que corria em alguns cancioneiros atribuída a outros poetas:

«Sofrera-se melhor hũa Elegia
Branda d'Amor de ti tam bem cantado,
Quando Philis tua doce frauta ouvia
Mas fuja-se de Amor o vão cuidado
Cantem, de Amor, Francisco, os ociosos (...).

É visível neste fragmento a opinião de António Ferreira sobre a poesia de Meneses: «Amor... bem cantado», «doce frauta», assim como noutras obras suas ¹⁶.

Jerónimo Corte-Real dedica-lhe uns tercetos, inseridos no *Cancioneiro Luís Franco Correia* ¹⁷, que terão acompanhado uns versos seus, onde faz o elogio do seu «Ingenho e Arte» e pede a Sá de Meneses para ler os seus poemas e emendá-los no que tiverem de «desnecessário» e «mal pollido».

14. Diogo Bernardes, *op. cit.*

15. António Ferreira, *op. cit.*, pp. 112-115.

16. Veja-se a título de exemplo a *Écloga III* e a *Elegia I*.

17. A fólhos 54v a 59v.

As referências à poesia de Sá de Meneses são todas avulsas, não havendo qualquer estudo sistemático sobre a sua obra. Tal acontece por o «corpus» poético do autor ser reduzido, embora se pense ter sido a sua produção mais vasta, mas que, por razões adversas, se terá perdido ou confundido com a de outros poetas. Há mesmo uma grande confusão entre Sá de Miranda e Sá de Meneses, pois ambos eram designados por Francisco de Sá. Provas da confusão, segundo Carolina Michaëlis¹⁸, existem em todos os manuscritos com versos de um ou outro. Se um anotador escrevia na margem «Mir. não anda nos Impressos», outro riscava e punha «Men.». Mesmo Faria e Sousa confundiu às vezes Sá de Meneses com Miranda quando diz a propósito dos poetas que dirigiram poemas a Ninfas, que Sá de Miranda escreveu um poema a uma Filis, confundindo-o, assim, com Sá de Meneses¹⁹.

Por outro lado, o facto de Sá de Meneses ter o mesmo nome do seu poeta homónimo, o autor da *Malaca Conquistada* deu azo a muitas confusões, o que tem dificultado o acesso à sua obra. Registo quatro exemplos dessas atribuições erróneas.

João de Castro Osório no seu *Cancioneiro de Lisboa*²⁰ transcreve duas poesias atribuídas a Sá de Meneses, Conde de Matosinhos, dizendo ser ele «O primeiro grande Poeta inspirado na região do Porto, entre Douro e o Rio Leça». Evidentemente que Castro Osório se refere a Sá de Meneses, mas as datas que as acompanham (1600-1644) não correspondem ao seu nascimento e morte (a primeira data é sem dúvida a data de nascimento do poeta épico).

Horácio Marçal que reproduz num estudo sobre o rio Leça as trovas a esse rio²¹, diz que o autor dessas endechas é «o poeta clássico da era de seiscentos, D. Francisco de Sá de Meneses, autor do poema heróico *«Malaca Conquistada»*».

Carolina Michaëlis publicou algumas elegias como sendo de Sá de Miranda, vindo mais tarde a admitir serem provavelmente da autoria de Sá de Meneses.

18. In «Investigações sobre Sonetos e Sonetistas Portugueses e Castelhanos», *Revue Hispanique*, tomo XXII, Nova Iorque/Paris, 1910, p. 18.

19. In Faria e Sousa, *Rimas Várias de Luís de Camões*, Lisboa, Ed. Comemorativa do IV Centenário da Publicação de *Os Lusindas*, 1972.

20. In João de Castro Osório, *Cancioneiro de Lisboa (Séc. XIII-XX)*, Lisboa, CML, 1956, pp. 193-196.

21. In *O Rio Leça desde a sua origem, no Monte Córdova (Santo Tirso), até à sua foz, em Matosinhos*, Matosinhos, Sep. do «Boletim da Biblioteca Pública e Municipal de Matosinhos», n.º 14, 1967, pp. 25-26.

No artigo de António Salgado Júnior sobre a cidade do «Porto» no *Dicionário de Literatura*²² diz-se que o nome de Sá de Meneses está registado na lista de Joaquim Costa, embora aí esteja também confundido com o poeta épico.

Barbosa Machado escreve, na obra já referida, um extenso artigo sobre o poeta, respigando, aqui e ali, passos de outros autores. Dá-nos informações muito úteis sobre as suas obras poéticas, sagradas e profanas, referindo as trovas «*A tudo quanto desejo*», glosadas por D. Francisco de Portugal e vertidas para latim por Francisco de Macedo; as redondilhas ao rio Leça, vertidas também em versos elegíacos por João Soares de Brito; uma elegia a Santa Maria Madalena em tercetos, aplaudida por Sá de Miranda num soneto «*A vossa verdadeira penitente*»; a elegia «*Buelue Philis hermosa a este llano*» e o soneto em louvor de A. Ferreira.

Informa-nos ainda Barbosa Machado que o antiquário Manuel Severim da Faria, Chantre de Évora, possuía na sua Livraria um volume das suas *Obras Poéticas, Sagradas e Profanas*. Porém, João Franco Barreto²³ no artigo sobre o autor diz que as suas obras, que ele considerava serem «muito boas em verso português» foram oferecidas pelo Chantre a D. Francisco, quando foi a Évora. Das pesquisas efectuadas no Cabido da Sé de Évora, não encontramos qualquer referência à existência de obras de Sá de Meneses naquele Cabido, o que vem dar crédito à afirmação de João Franco Barreto.

João Soares de Brito²⁴, a propósito da censura feita por um crítico da época ao Canto IV de *Os Lusíadas*, refere-se ao poeta como tendo um espírito esclarecido e transcreve alguns versos das endechas ao Rio Leça para os confrontar com os de Camões.

João Gaspar Simões²⁵ refere Sá de Meneses como o último «zagal da Estremadura» que «escreveu em português, apagado e medíocre», cuja «fama imortal» se fica a dever exclusivamente à famosa poesia «*O rio de Leça*».

Teófilo Braga, num dos volumes das suas obras completas²⁶, dedica algumas páginas a Sá de Meneses. Repete uma informação (já dada por Carolina Michaëlis) que existem 66 sonetos inéditos de Sá de Meneses na Biblioteca Pública de Évora, de autoria, no entanto, bastante duvidosa. Fala-nos também da influência que Sá de Meneses terá tido na vida literária da corte de D. João III, que também versejava e emitia opiniões sobre

22. In *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e Estilística Literária*, Porto, Figueirinhas, 1978 (3.ª ed.), pp. 846-847.

23. In *Biblioteca de João Franco Barreto*. f. 485, n.º 144.

24. In *Apologia em que defende a Poesia do Príncipe dos Poetas de Espanha*, Lisboa, Of. de Lourenço Anvers, 1641, pp. 47-50.

25. *Op. cit.*, p. 239.

26. In *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa. II Renascença*, Porto, Lello & Irmão, 1914, pp. 189, 366-368.

as poesias dos cortesãos. Conta-nos mesmo um episódio, passado na corte, pelo qual se depreende o fervor com que aí se cultivava a poesia da escola de Miranda. O Cardeal D. Henrique fez uma exposição sobre a oração do Padre-Nosso de uma forma tão alegórica que se desviou do assunto que queria tratar. Por essa época, Sá de Meneses e Jorge da Silva compuseram duas elegias, em tercetos, segundo os moldes italianos, nas quais celebravam Santa Maria Madalena e mostraram-nas ao rei que muito as elogiou ao Duque de Aveiro. Este pediu-lhe licença para fazer também uma, tendo recebido o aplauso do monarca. Porém, o Duque de Aveiro ficou muito triste dizendo que não ia satisfeito sem o rei emendar ou riscar alguma coisa. Diz-lhe então o rei: «Ella está muito boa, e quando eu ouvera de riscar, ali está o Pater-Noster do Cardeal meu irmão»²⁷.

A ser verdadeira esta história, ela revela-nos o gosto de D. João III pela poesia e, sobretudo, que há duas elegias dedicadas a Maria Madalena. Da elegia de Sá de Meneses resta-nos apenas o soneto de Sá de Miranda, agradecendo a oferta, que aparece assim epigrafado: «A um capítulo da maneira italiana que fez Francisco de Sá de Meneses à Madanella de Francisco de Miranda. Soneto»²⁸.

Jorge de Sena em *Uma Canção de Camões*²⁹ afirma que Sá de Meneses pertence à terceira geração de poetas mirandinos e neste estudo sobre a canção, aventa a hipótese de Sá de Meneses ter composto uma, não citando, porém, a prova. Mas é no seu estudo sobre o *Cancioneiro Luís Franco Correia*³⁰ que Sena se detém mais na discussão da autoria das obras de Sá de Meneses. De igual modo se revestem de especial importância, para o estabelecimento de «corpus» deste poeta, os trabalhos de Carolina Michaëlis sobre Sá de Miranda, os sonetistas portugueses e castelhanos e os seus trabalhos sobre o *Cancioneiro de Fernandes Tomás* e o *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*³¹.

A *História da Literatura Portuguesa* de Óscar Lopes e António José Saraiva³² considera que o grupo de poetas a que Sá de Meneses pertenceu não revela qualquer assimilação do humanismo crítico de Sá de Miranda; o caso de Sá de Meneses revela, sim, um bucolismo muito convencional, onde

27. Teófilo Braga cita um manuscrito do séc. XVI, existente na Torre do Tombo, intitulado *Memorias dos Ditos e Sentenças dos Reis, Príncipes e Senhores Portugueses, e Outras Pessoas de Fama*. (cód.1126, f. 25).

28. In Ms. 2583, f. 3v da Biblioteca de Coimbra.

29. Lisboa, Portugal, 1966, pp. 39.40.

30. In *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1978, pp. 110-119.

31. In *Estudos Camonianos. I O Cancioneiro Fernandes Tomás. II O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1980.

32. Porto, Porto Ed. (11.ª ed.), 1979, pp. 256, 266, 365, 373-374.

está patente um pastoralismo no qual a naturalidade ou a residência do poeta tem como símbolo um rio (o Leça no caso de Sá de Meneses).

Vejamos um pouco mais de perto o «corpus» poético de Sá de Meneses. As trovas ao Rio Leça são indiscutivelmente do poeta. Estas redondilhas são de métrica perfeita nas quais se desenha uma paisagem bucólica, algo convencional, motivada pelo espectáculo do rio Leça, que tem a possibilidade de mudar a paisagem interior do sujeito, proporcionando-lhe descanso e paz:

«Ó rio Leça,
como corres manso!
Se eu tiver descanso
em ti se começa. (...)»³³.

As trovas «*A tudo quanto desejo*», já referidas, quando Sá de Meneses se retira para Matosinhos, revelam uma atitude de desencanto e de cepticismo face à vida, seguindo também o topos renascentista do desengano

«(...) Achey tudo diferente
Fiquei desencaminhado
E como em despovoado
Ando perdido entre a gente (...)»³⁴

O vilancete «*El cielo niega el rocío*» é o desenvolvimento ao mote alheio «*Tu prezencia deseada*» e a autoria de Sá de Meneses vem atribuída no códice eborense C XIV/2-2 e consequentemente no *Cancioneiro de Corte e de Magnates* de Askins. Neste vilancete canta-se a partida de uma pastora desconhecida que deixa atrás de si um espectro de tristeza causada por esse facto.

O códice eborense CXXX/1-17 contém duas composições em décimas de quatro estrofes cada, dois sonetos e um romance de autoria de Sá de Meneses, atribuída, quer junto das composições, a fólhos 181, 182 e 183, quer no índice do manuscrito (ver lista dos poemas atribuídos a Sá de Meneses). Estas composições surgem apenas neste manuscrito e são todas de carácter satírico. Parece-nos relativamente provável a autoria de Sá de Meneses, com excepção do romance a admitir com reservas. É a única composição que não traz nenhuma indicação. Segue-se ao soneto «*A hua mulher corrupta do mesmo Author. A puta mais surrada juntam*» e logo depois daquele romance começa um outro de Gregório de Matos, o que nos faz pensar que o romance talvez seja de Sá de Meneses, visto que este conjunto

33. In João Gaspar Simões. *op. cit.*, pp. 283-284.

34. In Francisco de Santo Agostinho de Macedo, *op. cit.*, pp. 78-81.

se situa entre dez poemas, em décimas, de Simão da Gama e o referido romance de Gregório de Matos.

A elegia «*Doce alma amorosa doce spiritu*» surge atribuída a Sá de Meneses no códice de Évora CXIV/2-2; é de igual modo publicada por Barata³⁵ e atribuída ao mesmo autor; também no *Cancioneiro de Cristóvão Borges*³⁶ é atribuída a Sá de Meneses, sendo a única voz discordante a de Carolina Michaëlis que no seu estudo sobre *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* a atribuída a Bernardes, considerando-a, nessa época inédita. Este estudo é publicado pela primeira vez em Coimbra em 1924, mas já em 1910 nas *Investigações Sobre Sonetos e Sonetistas Portugueses e Castelhanos* referia como exemplo das obras líricas de Sá de Meneses, entre outros, uma elegia «*À morte do Príncipe que Deus Tem*», tratando-se, portanto, da mesma elegia.

Parece-nos certa a autoria de Sá de Meneses, confirmada munhos. Por outro lado, há que ter em conta que nela o sujeito chora e lamenta a morte do príncipe D. João, com quem o autor tinha convivido.

A elegia «*Buelue Philis Hermoza onde este llano*» está largamente difundida em vários cancioneiros e manuscritos. Está compilada no códice eborense CXIV/2-2 e, portanto, publicada por Askins, no *Cancioneiro de Cristóvão Borges*, no *Cancioneiro Geral* de Barata, atribuindo-a todos a Sá de Meneses. No *Cancioneiro de Luís Franco Correia* está atribuída a Francisco de Sá, o que terá levado Carolina Michaëlis a editá-la nas *Poesias de Sá de Miranda*, embora tenha desde logo admitido a inexactidão, conjecturando que se trataria de Francisco de Sá de Meneses e «porque mais de uma vez houve (...) confusão entre o introdutor do estilo toscano, e aquele seu discípulo e parente, de prosápia porém mais ilustre e em posição social muito mais avantajada»³⁷...

O *Índice do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, atribui-a a Simão Roiz da Veiga, a *Miscelânea* de Juromenha a D. Manuel de Portugal; João Franco Barreto e Barbosa Machado atribuem-na também a Sá de Meneses, embora este último, no artigo sobre Simão Rodrigues da Veiga, diga também ser dele. Torna-se necessário delucidar um leque tão vasto de atribuições.

No *Cancioneiro de Luís Franco Correia* após a écloga «*Alexo*» (com autoria declarada de Francisco de Sá) segue-se a écloga «*Basto*» e a fólho 84v, logo a seguir, entra uma «elegia do mesmo» («*Oluidado de ti por este llano*») e logo depois outra («*Buelue Philis hermoza onde este llano*») a fólhos 85v e 86 como de Francisco de Sá. Ambas são em castelhano e vêm indicadas no índice por aquele incipit. As anotações marginais revelam algumas manipulações que sofreram essas notas em momentos diferentes. Primeiramente, o

35. In *Cancioneiro-Geral-Continuação ao de Garcia Resende*, Évora, Emp. Tipográfica Eborense, 1902, pp. 57-59.

36. A. L. Askins, *The Cancioneiro de Cristóvão Borges*, Braga, Barbosa & Xavier, 1979.

37. In *Investigações sobre Sonetos e Sonetistas Portugueses e Castelhanos*, pp. 12-13.

anotador escreveu «não está», referindo-se provavelmente às edições de Miranda. Posteriormente alguém acrescentou «Sá de Miranda», mas outra mão riscou e pôs «Meneses», até que outra mão voltou a riscar e repôs «Miranda».

Carolina Michaëlis, como já disse, suspeitava ser a elegia de Meneses e não de Miranda. Por um lado, a elegia não se encontra em nenhum dos manuscritos especiais de Miranda, apenas na *Miscelânea* de Juromenha e no *Cancioneiro de Luís Franco Correia*. Aquela estudiosa considera a linguagem e a métrica mais correctas e harmoniosas do que as de Miranda; por outro lado o conteúdo destoa um pouco da obra mirandina que nunca fez propriamente versos amorosos. Sá de Miranda refere apenas uma vez uma Filis que estabelece um diálogo com outra ninfa (Nisa), não cantando o poema a celebração de amores com Filis. De Sá de Meneses, sabemos pelos seus contemporâneos, que foi um poeta elegíaco-amoroso e o cantor declarado de uma Filis. Assim, por estas razões, Carolina Michaëlis atribui preferencialmente a elegia a Sá de Meneses.

Das três elegias atribuídas a Sá de Meneses é a elegia «*Oluidado de ti por este llano*» que levanta mais problemas de autoria.

No Códice eborense CXIV/«2-2» a fólhos 140, esta elegia, em tercetos, vem sob a epígrafe «*Elegia. Du Autor Incerto*» e no mesmo códice, a fólho 166v, repete-se a epígrafe, após o que se seguem os dois primeiros tercetos. Dir-se-ia que o compilador se deu conta no verso 6, aquando do segundo registo da obra, que ela já fazia parte do manuscrito, aparecendo, talvez por isso, abruptamente interrompida sem qualquer explicação ou rasura.

O *Cancioneiro de Corte e Magnates* edita essas duas versões a páginas 340-343 e 412, embora os fólhos indicados não sejam os correctos³⁸. O *Cancioneiro de Luís Franco Correia*, a fólhos 84v e 85 edita-a com a designação «Elegia do mesmo», como já referi. Carolina Michaëlis edita-a nas *Poesias de Sá de Miranda*, reproduzindo o texto do *Cancioneiro Luís Franco Correia*, induzida provavelmente pelas três notas marginais de letras diferentes. Porém, Carolina Michaëlis coloca-a, assim como a anterior, numa zona do seu livro dedicada a inéditos, e apresenta as suas reservas, pois a composição não surge nos manuscritos habituais de Miranda, como «destoa no assumpto e nos sentimentos do estylo de Miranda»³⁹, considerando-a do mesmo autor da elegia «*Buelue Philis*». A identificação de Sá de Meneses como autor da elegia em causa, é reafirmada por aquela estudiosa, em 1924, no seu estudo sobre o *Índice do Padre Pedro Ribeiro*, apesar do Index a atribuir a D. Francisco de Portugal, filho do 2.º Conde de Vimioso.

38. Cf. Askins, ff. 141v e 167v com Cód. CXIV/2-2 fs. 140 e 166v.

39. In *Poesias de Sá de Miranda*, p. 865.

Askins nas notas ao *Cancioneiro de Corte e de Magnates* aceitou as conclusões de Carolina Michaëlis. Porém, no *Cancioneiro Cristóvão Borges*, que também inclui esta elegia, pôs em causa essas conclusões. A transcrição da écloga «Basto» de Miranda no *Cancioneiro de Luís Franco Correia* é fragmentária. Esta écloga termina no fólho 84r e a elegia inicia-se no topo desse fólho, seguindo-se-lhe a elegia «Buelue Philis» sob a epígrafe «Elegia de Frco de Saa», poema que é atribuído a Meneses. A truncagem da écloga de Miranda pode ter ocorrido por variadíssimas razões, mas esta situação lança uma sombra de dúvida sobre «o mesmo» que reflecte o referente original das fontes utilizadas na preparação da compilação de Luís Franco Correia ou, a não ser assim, não dá nenhum crédito à epígrafe da elegia «Buelue Philis», o texto seguinte. Askins conclui assim a atribuição a Sá de Meneses tão válida como qualquer outra possibilidade (D. Francisco de Portugal ou D. Manuel de Portugal).

No entanto, parece-nos possível estabelecer algumas aproximações entre esta elegia e a referida anteriormente. Se repararmos nos versos iniciais «Buelue Philis hermosa a este llano» e «Oluidado de ti por este llano», notamos de imediato que o sujeito de enunciação se dirige a um tu ausente do espaço em que se situa, dado pela deíxis «este llano». O ponto de partida destas duas composições é, pois, comum, embora na primeira se evidencie desde logo um processo de persuasão, visível na utilização do imperativo e do vocativo e toda a composição se organiza à volta desse processo que pede o regresso de Filis, cuja ausência o eu e a natureza, em homologia com os seus sentimentos, lamentam. Se Filis regressar, ser-lhe-á dada como compensação a possibilidade de disfrutar com os seus próprios olhos o espectáculo da natureza:

«(...) Daqui veras los campos»
«Veras del dia la primera hora»
Daqui veras quando el monte arde»
veras los horizontes de la tarde»
veras salir el sol del oriente»

O espaço referido transforma-se no centro do mundo, porque ele foi o espaço onde estiveram juntos, provavelmente o espaço que viu florescer o amor e por isso ele é tocado pela diferença.

Na estrofe 9 o sujeito de enunciação resume a situação ao dizer:

«Tu dulce, y hermosa Philis veras esto
y yo da la mañana, hasta que anochezca
mirara tu ojos, y tu blando gesto».

E olhando não sentirá a passagem do tempo (agora tão vagaroso), não rezeará o fim dos tempos e cantará com «desusado canto». Porém, o sujeito

vai ganhando consciência que diz palavras vãs e melhor será prepara-se para morrer de saudade (o que funciona ainda como uma forma de persuasão).

Ora, na elegia «*Oluidado de ti por este llano*» a situação inicial é a mesma, assim como espaço referido. O sujeito de enunciação dirige-se ao tu na 1.^a estrofe para lhe expor a sua situação: enquanto percorre aquele espaço vai «*offrezciendo la boz al fresco uiento*» (o vento surge aqui como um canal físico capaz de levar o seu canto até ao tu ausente), vai cantando como «*todo el uiuir me es enojoso*» sem a sua presença, apesar de alguns momentos de deleite face à paisagem que lhe proporciona momentos fugazes de firmeza e segurança, para quase imediatamente repetir (à boa maneira do refrão medieval) «*mas todo esso sin ti muy enojoso*». Enquanto na natureza tudo muda, havendo sempre a possibilidade de alteração, para o sujeito não há esperança, pois está num processo de destruição que desembocará na morte, uma morte sacrificial que oferece ao tu para, assim, imperar a sua vontade:

«Permitte que el morir puede aplazerte
en tu fino plazer enbeuecida
que solo por aliuio de la muerte
quiero tu voluntad contra mi vida»

Aniquila-se o tu no eu, o que é ainda uma forma projectiva de criação de uma totalidade.

Repare-se ainda, como semelhanças entre os dois textos, que o sujeito após um momento de relativa acalmia, acaba por afirmar que a sua vida apenas pode desembocar na morte. Em ambas as elegias nos parece poder este final funcionar como um processo de persuasão. Se na 1.^a elegia ele é evidente, na 2.^a repare-se nas duas últimas estrofes em que o sujeito se volta a dirigir directamente ao tu, como se de um «*envoi*» se tratasse; o tu ainda está a tempo de impedir essa morte, é o que fica em aberto nas duas elegias.

Nas duas composições temos uma natureza algo convencional e bucólica seguindo o gosto da época.

Estamos perante uma concepção de poesia em que a imitação de modelos era uma prática constante. Não refutamos a possibilidade da composição ser de autoria duvidosa ou, talvez, de D.Manuel de Portugal. Porém, também nos parecem evidentes algumas semelhanças entre os dois poemas, uma certa subjectividade que irrompe, mais ou menos diversamente, nas duas elegias.

As oitavas «*Yo me lo so el porq, mas no lo digo*», inseridas no *Cancioneiro Luís Franco Correia*, são atribuídas em nota a «F.S.Men.». Carolina Michaëli's na nota n.º 68 da obra de Sá de Miranda atribui-as a Sá de Meneses. Elas estão também compiladas no códice eborense CXIV/2-2 a fólhos 132v e 133r e no *Cancioneiro de Corte e de Magnates*. Askins, nas notas a este cancionero, diz que segundo o parecer de J. Entrambasaguas este

texto, que glosa um mote muito em voga no século XVI, será de D. Pedro Luís Galcerán de Borja, embora também admita poder ser de Pedro Laynez.

No primeiro cancioneiro o soneto que se segue às oitavas é atribuído pelo anotador a Sá de Miranda e os cinco sonetos seguintes a Sá de Meneses. No códice eborense as oitavas vêm numa zona de composições atribuídas a D. Fernando da Cunha. Antecedem-nas dois sonetos e umas oitavas (cuja estrutura vocabular é muito semelhante à das oitavas em questão) e seguem-se-lhe outro soneto e uma epístola.

Quanto ao tema, estas oitavas celebram a tristeza de um sujeito de enunciação que se remete para um universo eternamente disfórico, porque «no enternecio um coração humano», sendo visível no poema um certo pendor apocalíptico.

Não pensamos poder atribuir com segurança a composição a Sá de Meneses. Carolina Michaëlis não explica a razão da autoria (a não ser pela nota marginal) e sendo o mote «*sol se el porque aunq no lo digo*» tão glosado, abre-se uma zona de dúvida.

No *Cancioneiro de Luís Franco Correia*, a fólhos 142 e 143r, há cinco sonetos, em castelhano, atribuídos marginalmente a Sá de Meneses: «*Cal tede oy mas la muerte dolorosa*», «*Perdido se fiã mis ojos pues no bierō*», «*das nimphas quada qual sofre natura*», «*Quando la diestra mano*» e «*De tan sotil cabello estas colguda*». Estes sonetos seguem-se após o soneto de Miranda «*Aquel que las culebras, ninō tierno*», que por sua vez segue as oitavas «*Yo me lo se el...*». Carolina Michaëlis, na já referida nota n.º 68 afirma serem as poesias daqueles fólhos de autoria de Sá de Meneses e, por isso, não os edita nas poesias de Miranda.

Alguns dos sonetos publicados na obra de Miranda (os que se situam entre os números 172-189), Carolina Michaëlis admite serem de Meneses no seu estudo *Sonetos e Sonetistas Portugueses e Castelhanos*. O soneto n.º 177, por exemplo, «*Ri! de quan ricas esperanzas vengo*» (atribuído no *Cancioneiro Luís Franco Correia* a Francisco de Sá) celebra uma Filis, poema, portanto a considerar relativamente a Sá de Meneses.

O soneto n.º 181 «*A las iervas tornava sus colores*» trata das relações entre Salicio e Filis. Carolina Michaëlis pensa poder ler Sazio em vez de Salicio, ou seja, Sá de Meneses, pois é sob este nome que António Ferreira o apresenta na *Écloga III*, onde chora a morte de um Janio, que é seu pupilo.

Askins face à epígrafe que antecede o soneto «*De amor escrevo, damor trato, e viuo*» no *Cancioneiro Cristóvão Borges*, seguido de uma «Epístola do mesmo» (Buelue Philis hermosa), admite provisoriamente poder ser atribuído a Sá de Meneses. Álvares da Cunha e Faria e Sousa atribuíram-no a Camões, autoria que o *Cancioneiro Fernandes Tomás* confirma (fól. 133v). Carolina Michaëlis, no seu estudo sobre este cancioneiro, considera-o de autor incerto, pois Faria e Sousa tinha dito que o vira num manuscrito em nome de Luís Álvares Pereira Brandão numa versão «*muy diferente*» e que

figura anónimo no *Cancioneiro de Évora*⁴⁰. Roger Bismut em *La Lyrique de Camões*⁴¹ considera não haver nada nele que justifique a sua integração no Parnaso camonianiano. Pensamos ser assim de admitir o contributo de Askins.

Quanto aos 66 sonetos, escritos em castelhano e português, incluídos no códice eborense CIV/1-4, são atribuídos por Teófilo Braga⁴² a Sá de Meneses, embora não explique a razão. Carolina Michaëlis afirma várias vezes que as obras de Meneses andam dispersas em vários manuscritos da Biblioteca Pública de Évora. Os redactores do catálogo de manuscritos daquela biblioteca⁴³, declaram que esses sonetos «não andam na colecção impressa», passagem que só pode referir-se a Miranda. No entanto, Pina Martins na sua extensa e exaustiva bibliografia sobre Sá de Miranda não refere este códice.

Na 7.^a linha do índice pode ler-se «66. Sonetos de Franco de Saa 207». O nome de Miranda não vem citado e Carolina Michaëlis considera estes sonetos muito diferentes da individualidade poética de Sá de Miranda. Os poemas, de temática amorosa, falam de uma certa Filis e denunciam por esse motivo «a musa branda e doce de Francisco de Sá de Meneses». Por essa razão, não os inclui na edição das poesias de Miranda, transcreve apenas nas notas o 1.º soneto que considera ser uma espécie de introdução aos 65 restantes.

Os sonetos apresentam uma grande unidade. Cantam o amor e as suas contradições, a tirania da mulher amada, a morte como único recurso capaz de pôr termo ao sofrimento. Há uma atitude de decoro e de distância face à amada, sempre caracterizada por um porte esquivo e distante, distância essa que alimenta e permite a continuação do próprio amor. O sujeito sente-se perdido e confuso e só a escrita parece dar-lhe momentaneamente alguma paz. Apesar de em vários sonetos haver referências a uma Filis, de modo algum podemos concluir serem estes sonetos de Sá de Meneses.

Este texto fortemente marcado pelo precário e provisório é apenas um passo para o (re)conhecimento de Francisco de Sá de Meneses, tão esquecido «pelos posteros».

Nota: Este texto é uma síntese do trabalho elaborado no seminário de Literatura Portuguesa, orientado pela Professora Maria Vitalina Leal de Matos, na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1984, no âmbito do Mestrado em Literatura Portuguesa, co-dirigido pela Professora Maria de Lourdes Belchior.

40. Victor Eugene Hardung, *Cancioneiro D'Évora*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1875, p. 66.

41. Paris, Centre Culturel Portugais/PUF, 1976, pp. 338-341.

42. In *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa*, op. cit., pp. 366-368.

43. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Catálogo dos Manuscritos da BPE*, tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1868.

LISTA DAS OBRAS MANUSCRITAS OU IMPRESSAS COM TEXTOS
ATRIBUÍDOS A SÁ DE MENESES

A. F. BARATA

Cancioneiro-Geral — Continuação do, de Garcia de Resende, Évora, Empresa Tipográfica Eborense, 1902.

— Elegia «Doce alma amorosa, doce spirito», pp. 57-59.

— Elegia «Buelue, Philis hermosa, onde este llano», pp. 199-201.

António FERREIRA

Poemas Lusitanos, Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1598.

— Soneto «Sprito, qu'entre os homes peregrino», prólogo.

A. L. ASKINS

Cancioneiro de Corte e de Magnates, Berkeley and Los Angeles. Univ. of California, 1968.

— Vilancete «El cielo niega el rocío», p. 138.

— Elegia «Doce alma amorosa doce spiritu», pp. 215-217.

— Elegia «Buelue Philis hermosa onde este llano», pp. 218-220.

— Elegia «Oluidado de ty por este llano», pp. 340-343 e 412.

— Oitavas «Solo se el porque aunq no lo digo», pp. 316-318.

The Cancioneiro de Cristóvão Borges, Braga, Barbosa & Xavier Ed., 1979.

— Elegia «Doce alma amorosa, doce spirito», pp. 145-147.

— Elegia «Buelue Philis hermosa a este llano», pp. 73-75.

— Elegia «Oluidado de ti por este llano», pp. 86-88.

— Soneto «Da amor escriuo, damor trato, e viuo», p. 75.

The Cancioneiro de Évora, Berkeley and Los Angeles, Univ. of California Press, 1965.

— Soneto «D'amor escreuo, d'amor trato e viuo», p.72.

Cancioneiro de Fernandes Tomás, Lisboa, Ed. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, / MEN, 1972.

— Soneto «De amor escrevo, de amor trato e vivo», f. 133.

Cancioneiro de Luís Franco Correia, Lisboa, Ed. Comissão Executiva do IV Centenário dos *Lusíadas*, 1972.

— Elegia «oluidado de ty por este llano», 84v, 85r e 85v.

— Elegia «Buelue Philis hermosa a este llano», ff. 85v 86r e 86v.

— Oitavas «Yo me lo so el porq, mas nolo digo», f. 141.

— Soneto «Calte de oy mas la muerte dolorosa», f. 142r.

— Soneto «Perdido se fiã mis oyos pues no bierõ», f. 142v.

— Soneto «Das nimphas quada qual sofre natura», f. 142v.

— Soneto «Quando la diestra mano...», f. 143r.

- Soneto «De tam sotil cabelo estas colguda», f. 143r.
- Soneto «Con soloços profundos y gemidos», f. 113r.
- Soneto «Queriendo la pintora dar pintura», f. 113v.
- Soneto «Ai! que quan ricas esperanzas vengo», f. 116v.
- Soneto «El avariento guarda su riqueza», f. 118v.
- Soneto «D'amor escreuo, d'amor trato e vivo», f. 165r.

Carolina Michaëlis DE VASCONCELOS

Poesias de Sá de Miranda, Halle, Max Niemeyer, 1885.

- Elegia «Olvidado de ti, por este llano», pp. 584-586.
- Elegia «Buelue, Filis hermosa, a este llano», pp. 587-588.
- Soneto «Con sollozos profundos e gemidos», p. 589.
- Soneto «Queriendo la pintora dar pintura», p. 590.
- Soneto «Ai! de quan ricas esperanzas vengo», p. 592.
- Soneto «El avariento guarda su riqueza», p. 593.
- Soneto «A las iervas tornava sus colores», p. 594.
- Soneto «Hermosa ninfa, siempre primavera», p. 595.

Códice CXIV/2-2 da Biblioteca Pública de Évora

As composições são as mesmas que estão contidas no *Cancioneiro de Corte e de Magnates*, a fólhos, respectivamente: 56r, 89, 90v e 91r, 140, 166v, 132v e 133r.

Códice CXXX/1-17 da Biblioteca Pública de Évora

- Décimas «Do que Anarda me tens feito», f. 181r e v.
- Décimas «Coando a casa vim», f. 181 r.
- Soneto «Aqui de costas jas Gracia da Costa», f. 181v.
- Soneto «A puta mais surrada juntam», f. 182r e v.
- Romance «Fera que nasceste rosa», f. 182v e 183 (?)

Francisco de Santo Agostinho de MACEDO

Domus Sadica, Londres, Typis G., Du-Gard, 1653.

- Trovas «A tudo quanto desejo», pp. 78-81.

Horácio MARÇAL

O Rio desde a sua origem no Monte Córdova (Santo Tirso), até à sua foz, em Matosinhos, Matosinhos, Separata do «Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos», n.º 14, 1967.

- Redondilhas «Ó Rio de Leça», pp. 25-26.

João Gaspar SIMÕES

História da Poesia Portuguesa. Das Origens aos Nossos Dias Acompanhada de Uma Antologia, vol. I, Empresa Nacional de Publicidade, 1955.

- Redondilhas «Ó Rio Leça», pp. 283-284.

(Pela improbabilidade da autoria de Sá de Meneses, não se inclui aqui o *Códice CIV/1-4 da Biblioteca Pública de Évora*.)

<i>Um Soneto duvidoso: 1598/35: «Hum mover d'olhos brando e piadoso», por R. A. LAWTON</i>	243
<i>Canções para estrangeiros, por LUCIANA STEGNANO PICCHIO</i>	253
<i>Sestina penitencial de Diogo Bernardes, por ANTÓNIO CIRURGIÃO</i>	265
<i>Montaigne como lugar vazio da nossa cultura, por EDUARDO LOURENÇO</i>	275
<i>Frei Agostinho da Cruz e a Arrábida, por FERNANDO J. B. MARTINHO</i>	283
<i>Os Silenos de Diogo do Couto, por ANTÓNIO COIMBRA MARTINS</i>	295
<i>La « Gentille » du Brésil d'après les écrits jésuites du XVI^e siècle, par COLETTE CALLER-BOISVERT</i>	319
<i>Os Estrangeiros e a justiça portuguesa durante o século XVI (1521-1578), por ISABEL M. R. MENDES DRUMOND BRAGA</i>	333
<i>Voir et lire le texte : les frontispices aux scènes figurales de la comédie portugaise du XVI^e siècle, par LEILA DE AGUIAR COSTA</i>	367
III – ESTUDOS DO SEISCENTISMO AOS NOSSOS DIAS	385
<i>Chants pastoraux de Francisco Rodrigues Lobo, par ANNE-MARIE QUINT</i>	387
<i>L'Épisode de la « Peregrina » dans Corte na Aldeia de Francisco Rodrigues Lobo, par ADRIEN ROIG</i>	395
<i>Vasco Mousinho Quevedo Castelbranco, por MARIA VITALINA LEAL DE MATOS</i>	417
<i>La Vérité dans le sonnet espagnol baroque : lecture de quelques poèmes de Góngora et de Quevedo, par MICHÈLE GENDREAU-MASSALOUX</i>	435
<i>Francisco de Sá de Meneses: um poeta quinhentista a conhecer, por JOSÉ MANUEL DA COSTA ESTEVES</i>	451
<i>Uma Carta autógrafa de Sôror Violame do Céu, por ANA HATHERLY</i>	471
<i>A Academia Brasileira dos Esquecidos e o seu retrato barroco do Brasil, por ANTONIO SOARES AMORA</i>	477
<i>Autobiografias de religiosas redigidas em português entre o séc. XVII e a primeira metade do séc. XVIII: breve apresentação, por MAFALDA FERIN CUNHA</i>	483
<i>Referentes culturais e culturais num folheto barroco setecentista: Vozes / da noite de Natal / a / Deos Menino. / recém-nascido na lapinha de Bethelém, por MARIA ALIETE GALHOZ</i>	509
<i>Um Médico desconhecido de Napoleão, por SEBASTIÃO DUARTE PESTANA DE VASCONCELOS DA COSTA PEREIRA</i>	527
<i>Le Portugal dans l'œuvre romanesque de Victor Hugo, par ODILE SILVA</i>	577
<i>La Découverte de Fernando Pessoa par Philéas Lebesgue, par JEAN-MICHEL MASSA</i>	581
<i>Carlos de Oliveira – Os romances e outros textos em prosa. Fichas para um dicionário do neo-realismo, por JOÃO CAMILO DOS SANTOS</i>	591
<i>La Guerre coloniale dans l'œuvre de Manuel Alegre : entre exorcisme et idéologie, par OLINDA KLEIMAN</i>	633
<i>As Muitas águas do Rioseco, de Manuel Rui, por MICHEL LABAN</i>	653

IV – POESIA E ENSAIO	661
<i>A Ceia de sempre</i> , por TERESA RITA LOPES	663
<i>De Beatriz se sabe...</i> , por JOSÉ TERRA	667
<i>Lettre à mes enfants sur les fusillades de Goya – Un poème de Jorge de Sena en français</i> , par MICHELLE GIUDICELLI	669
<i>Problèmes de rhétorique – L’Image dans le discours</i> , par ANDRÉ CAMLONG	673
<i>La Femme portugaise dans l’histoire et dans la tradition</i> , par FRÉDÉRIC MAURO	733
RECENSÕES	743
<i>Coronica Troiana em Línguaagem Portuguesa</i> , coordenada por Irene Freire Nunes, Lisboa, Edições Colibri, 1996, por ANA MARIA GARCÍA MARTÍN e ÁNGEL MARCOS DE DIOS	745
Elias Lipiner, <i>Gonçalo Anes Bandarra e os Cristãos-Novos</i> (Trancoso: Câmara Municipal de Trancoso/Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1996), 245 págs., por CLAUDE B. STUCZYNSKI	751
Jacques Proust, <i>L’Europe au prisme du Japon. XVI^e-XVIII^e siècle. Entre humanisme, Contre-Réforme et Lumière</i> . Un volume de 314 pp. avec 18 hors-texte dont 10 en couleur, Bibliothèque Albin Michel «Histoire», Paris, 1997 (ouvrage publié avec le concours du Centre Culturel Calouste Gulbenkian de Paris), par GEORGES BOISVERT	756
Francis Utéza, <i>João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão</i> , São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 459 pages, 16 illustrations dont 7 en couleurs, par ADRIEN ROIG	760
BIBLIOGRAFIA DE MARIA DE LOURDES BELCHIOR, por ERNESTO RODRIGUES	765
ACTIVIDADES DO CENTRO CULTURAL CALOUSTE GULBENKIAN EM 1996	783
I. Exposições	785
II. Colóquios	785
III. Conferências / Mesas-Redondas	788
IV. Leituras / Apresentação de Livros	790
V. Outras Actividades	791
VI. Actividade Editorial	791
VII. Concertos e Recitais	793
VIII. Biblioteca	794
ACTIVIDADES DO CENTRO CULTURAL CALOUSTE GULBENKIAN EM 1997	797
I. Exposições	799
II. Colóquios	799
III. Conferências / Mesas-Redondas	802
IV. Leituras / Apresentação de Livros	803
V. Actividade Editorial	804
VI. Concertos e Recitais	805
VII. Biblioteca	806
ÍNDICES	809
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES	811
ÍNDICE DOS AUTORES	813
ÍNDICE GERAL	819